

Vida, história, moda e ativismo: uma revisão sistemática da literatura sobre a participação das mulheres no ofício da alfaiataria

Life, history, fashion and activism: a systematic literature review of women participation in the tailoring profession

AZAMBUJA, Manuela de; Mestranda; FAAC - UNESP

manuela.azambuja@unesp.br

MENEZES, Marizilda dos Santos; Doutora; FAAC - UNESP

marizilda.menezes@unesp.br

HENRIQUES, Fernanda; Doutora; FAAC - UNESP

fernanda.henriques@unesp.br

Realizou-se uma revisão sistemática da literatura para analisar a dedicação das mulheres à alfaiataria, profissão tradicionalmente atribuída aos homens, na qual a participação feminina foi historicamente desconsiderada devido ao seu caráter doméstico. Utilizaram-se as bases de dados *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo* para a busca na literatura, resultando em 22 artigos selecionados. Esses artigos foram divididos em 3 categorias: “estudos biográficos”, “revisões históricas” e “estudos de caso e de campo”. Em geral, esses trabalhos discutem as mulheres e suas relações com o trabalho da costura em contextos históricos e atuais. Embora aspectos sobre a participação feminina no ofício da alfaiataria tenham sido apontados, observou-se a necessidade de aprofundar o assunto em trabalhos futuros. Este artigo faz parte de um projeto de dissertação de mestrado em Design da FAAC/UNESP que visa documentar a participação feminina contemporânea no ofício da alfaiataria.

Palavras-chave: Alfaiataria; História da moda e história das mulheres; Costura.

A systematic literature review analyzed women's dedication to tailoring, a profession traditionally attributed to men, to which female participation has historically been disregarded due to its domestic nature. Web of Science, Scopus and Scielo databases were used to scan the literature, resulting in 22 articles selected. These articles were divided in 3 categories: “biographical studies”, “historical reviews” and “case and field studies”. In general, these works discuss women and their relations with sewing labor in historical and current contexts. Although aspects about the female participation in tailoring labor were pointed out, the need to explore the subject further is clear from these works. This paper is part of a MSc thesis project in Design research at FAAC/UNESP, which aims to document the contemporary female participation in the tailoring profession.

Keywords: Tailoring; Fashion history and women history; Sewing.

1 Introdução

As pesquisas científicas em design são compostas pelas relações entre diversos saberes e refletem os aspectos da prática projetual do campo, a qual é orientada por um objetivo que pretende resolver problemas, aprimorar situações ou criar algo. A universidade é um meio essencial para estimular as pesquisas e as conexões do design com diferentes áreas do conhecimento, possibilitando diversos temas de investigação que utilizam tipos variados de abordagens teóricas e metodológicas. Por estar intrinsecamente ligado aos artefatos da vida cotidiana, a pesquisa em design permite abordar diferentes temáticas que tangem as relações entre mundo, ser humano e artefatos (FRIEDMAN, 2003).

O design de moda, subárea do design que projeta artefatos do vestuário, faz-se presente diretamente no cotidiano das pessoas. Os impactos da indústria da moda são inevitáveis à civilização humana, pois gera empregos, redes de compartilhamento, estimula o consumo, afeta o meio ambiente, entre outros. Por esse motivo, os projetos e as pesquisas científicas em design de moda necessitam considerar estas implicações sociais, econômicas, políticas e culturais na sociedade. Logo, o designer de moda tem responsabilidade social para com aqueles profissionais que materializam os artefatos do vestuário, como é o caso das costureiras, modelistas, modistas, tecelãs, e outras profissionais envolvidas no processo de confecção direta ou indiretamente.

A alfaiataria é um dos segmentos da indústria da moda que tradicionalmente confecciona roupas sob medida e demanda variados conhecimentos para a execução desses produtos. A partir das rigorosas técnicas da alfaiataria tradicional desenvolveram-se bases estruturais da modelagem e da costura para a criação do vestuário no decorrer da história. O profissional responsável pelo ofício é denominado “alfaiate” e atua no local “alfaiataria” (atelie), entendido como um espaço público, no qual homens de diversas profissões costumam circular. Atreladas ao espaço privado do lar, as mulheres que atuavam no ofício tiveram seus trabalhos e contribuições desconsiderados, fato que hierarquizou os trabalhos dos profissionais da confecção do vestuário, em que os alfaiates recebem maior prestígio. Todos os processos existentes na constituição dos trajes da alfaiataria, como por exemplo o terno - paletó, colete e calça - contemplam o fazer desses profissionais, mas comprehende-se que as mulheres do ofício são invisibilizadas, enquanto os homens, contemplados com o título de alfaiate, têm seus trabalhos evidenciados (NUNES, 2021).

Sob esse contexto, é interessante reavaliar a atuação feminina na alfaiataria, ofício constantemente atrelado ao sexo masculino, tanto no que diz respeito à profissão de alfaiate quanto no uso das roupas, normalmente vinculadas à composição do terno, historicamente destinados ao guarda-roupa dos homens. Como parte essencial de qualquer pesquisa científica, o estudo necessita da pesquisa bibliográfica para fundamentação de conceitos. A Revisão Sistemática da Literatura (RSL) exposta neste artigo é vinculada à pesquisa de mestrado¹ que objetiva justamente colaborar com a documentação da participação feminina no ofício da alfaiataria contemporânea. Empregou-se o método da RSL com o objetivo de examinar a existência de pesquisas relacionadas ao assunto, em que, por ser pouco explorado, gerou-se dúvidas a respeito da existência de estudos que sustentam os argumentos da

¹ Financiada pelo Programa de Excelência Acadêmica da Pró Reitoria de Extensão – PROEX/UNESP, concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

pesquisa. Desse modo, para esta revisão determinou-se como pergunta de pesquisa: Existem estudos, nacionais e internacionais, que consideram a participação das mulheres no ofício da alfaiataria? Se sim, como o assunto é abordado?

À vista de que a universidade é local importante para realização da pesquisa científica, divulgação do conhecimento e formação de novos designers, é preciso que os estudos considerem aspectos que tangem a sociedade e suas irregularidades para que as decisões na área do design se tornem cada vez mais assertivas, inclusivas e conscientes. A pesquisa, da qual a RSL está vinculada, discute, dentro do design social, as relações entre design e gênero, particularmente, os debates entre o design de moda e o trabalho das mulheres que atuam e atuaram no ofício da alfaiataria. Acredita-se que ao verificar se e como os estudos contemplam aspectos desse tema, salienta-se a percepção da necessidade de abordá-lo em pesquisas, ensinos e projetos do design de moda.

2 Procedimento metodológico e estratégia da RSL

A pesquisa na literatura é um componente essencial em toda pesquisa científica, particularmente, a pesquisa sistemática na literatura é o método que permite a coleta e a sumarização de estudos prévios a partir de um processo que estabelece dados válidos para análise. Por esse motivo, uma revisão da literatura necessita de um projeto bem planejado e possível de ser reproduzido (RETHLEFSEN *et al.*, 2021). O método da RSL é a investigação na literatura que permite o aprofundamento de temáticas pré-estabelecidas em textos científicos já publicados de forma ordenada e sistemática. Para isso, o método requer o planejamento de uma estratégia de pesquisa, o qual é composto pelos seguintes aspectos: (1) a elaboração de uma pergunta sobre o tema a ser pesquisado; (2) o planejamento de uma estratégia para realizar a busca na literatura; (3) a seleção de textos pertinentes ao estudo a partir de critérios de inclusão e exclusão determinados; (4) a extração dos dados; (5) a análise; e (6) a síntese das informações obtidas (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

Por ser um método que tem como finalidade reportar a quantidade e a qualidade dos estudos relacionados a determinado assunto, a RSL requer transparência quando for relatada, e, para isso, utiliza-se ferramentas auxiliares como tabelas e listas de checagem. No caso desta pesquisa, relatou-se o processo da RSL mediante a ferramenta auxiliar PRISMA-S: uma lista de verificação estruturada em 16 itens que contempla as informações mais comuns de uma pesquisa na literatura. Objetiva facilitar o relatório da pesquisa sistemática e, devido ao caráter flexível, pode ser utilizada por qualquer disciplina que utiliza a abordagem do estudo bibliográfico (RETHLEFSEN *et al.*, 2021).

Para a busca da RSL escolheu-se duas bases de dados internacionais e uma nacional, respectivamente: *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo*. Como critério de exclusão, optou-se por considerar os trabalhos publicados em língua inglesa, espanhola e portuguesa, as quais são de domínio das pesquisadoras. Como recorte temporal, estabeleceram-se artigos publicados entre 2010 e 2021, últimos onze anos. Inicialmente, elaborou-se uma estratégia de busca que abrange as combinações entre as palavras-chave pré-selecionadas e os operadores booleanos “AND” e “OR” utilizados. Realizou-se testes para determinar a melhor estratégia de busca para cada base. Empregaram-se diversos termos, pois a pesquisa a qual a RSL está vinculada, estuda as mulheres na alfaiataria, um tema pouco comentado. Como o principal objetivo da realização da RSL foi a verificação da existência de estudos que tenham esta abordagem, adicionou-se termos relacionados ao projeto, como “história das mulheres”, “trabalho doméstico”, “artesanato” e “revista e costura”.

Quadro 1 – Palavras-chave e combinações.

<i>Web of Science</i>	<i>Scopus</i>	<i>Scielo</i>
<i>fashion design AND feminism</i>	<i>fashion design AND feminism</i>	alfaiataria
<i>feminism AND clothing</i>	<i>feminism AND clothing</i>	design de moda AND gênero
<i>fashion design AND gender AND clothing</i>	<i>fashion design AND tailoring OR tailor's workshop OR tailored</i>	gênero AND vestuário
<i>seamstress AND clothing</i>	<i>tailoring OR tailor's workshop OR tailored AND gender</i>	costureira OR alfaiate
<i>clothing AND women entrepreneurship</i>	<i>fashion design AND gender AND clothing</i>	vestuário AND trabalho
<i>women AND handicraft</i>	<i>seamstress AND clothing</i>	mulher AND artesanato
<i>women's history AND seamstress</i>	<i>clothing AND women entrepreneurship</i>	gênero AND artesanato
<i>clothing AND women AND housework</i>	<i>women OR seamstress AND handicraft</i>	vestuário AND mulher
<i>sew AND feminism</i>	<i>women's history AND seamstress</i>	história das mulheres AND moda
<i>pattern magazines AND fashion</i>	<i>clothing AND women AND housework</i>	história das mulheres AND trabalho doméstico
<i>pattern magazines AND clothing</i>	<i>seamstress AND housework</i>	trabalho doméstico AND mulher
	<i>sew AND feminism</i>	revista AND costura
	<i>pattern magazines AND fashion</i>	
	<i>pattern magazines AND clothing</i>	

Fonte: das autoras 2022.

Elegeram-se os softwares Planilhas Google e Mendeley (ambos acessados via web e e-mail das pesquisadoras) para o processo de seleção, leitura e análise dos artigos. Com as planilhas, foi possível organizar os resultados e verificar duplicações. Enquanto o Mendeley auxiliou no processo de seleção, leitura e análise dos artigos.

Na estratégia, estabeleceram-se também os critérios de elegibilidade dos estudos:

- Estudos que abordam os profissionais da produção do vestuário e que refletem sobre a prática da produção do vestuário como profissão e/ou atividade de lazer;

- Estudos específicos sobre a participação das mulheres na produção do vestuário (costureiras, modelistas, modistas);
- Estudos sobre grupos/comunidades/sindicatos de costureiras e outras trabalhadoras da produção do vestuário;
- Estudos sobre empreendedorismo feminino na produção do vestuário;
- Estudos que abordam as relações entre trabalho doméstico e a produção do vestuário;
- Estudos sobre história das mulheres com recorte para a ocupação das mulheres na produção do vestuário;
- Não selecionar estudos que tratam sobre: estética corporal, análises semióticas, características de vestimentas e artesanatos regionais, cultura do consumo, técnicas de modelagem e costura e afins.

Considera-se como “produção do vestuário” as atividades da costura e da modelagem. Neste caso, essencialmente aquelas voltadas ao ramo da alfaiataria, objeto de estudo das pesquisadoras.

2.1 Desenvolvimento da RSL

A RSL desenvolveu-se nos meses de novembro e dezembro de 2021 (Tabela 2) e contou com auxílio de uma orientanda de Iniciação Científica, Catarina Romano Rodrigues, na modalidade PIBIC Ensino Médio. Para a primeira etapa, aplicou-se a estratégia de busca nas bases de dados selecionadas. Inicialmente, o resultado obtido foi 1240 estudos, os quais foram organizados nas Planilhas Google, em que se salvou as principais informações (título, autor, ano de publicação, DOI e periódico).

Posteriormente, realizou-se o processo de triagem: (1) verificou-se a existência de 131 resultados duplicados, reduzindo para o total de 1042 estudos. (2) Procedeu-se à leitura do título, em que se selecionaram as pesquisas de acordo com os critérios de elegibilidade, restringindo a busca para 434 resultados. (3) Enfim, a partir da leitura dos resumos e palavras-chave, elegeram-se apenas os artigos publicados nos últimos 11 anos (2010 – 2021) com relevância para o tema (critérios de elegibilidade), finalizando em 33 artigos. (4) Desses, verificaram-se aqueles de “acesso aberto” e selecionaram-se 22 artigos para análise.

Quadro 2 – Busca e triagem da RSL.

	Web of Science	Scopus	Scielo
Aplicação da estratégia e organização de resultados	488	621	131
TOTAL		1240	
Triagem			
Verificação de duplicação		131 duplicações	1042 estudos elegidos
Leitura do título		434 estudos elegidos	
Apenas artigos e análise das palavras-chave e resumo		33 artigos elegidos	

Artigos “acesso aberto”

22 artigos para análise

Fonte: das autoras 2022.

3 Resultados

Os artigos analisados abordam essencialmente as relações entre as mulheres e as atividades da costura, seja como forma de trabalho feminino ou como algo incentivado para o lazer e o desenvolvimento da feminilidade. Essas concepções são tratadas tanto na literatura científica nacional quanto internacional e os estudos realizados abrangem países desenvolvidos e em desenvolvimento. Os artigos são referentes a países europeus (Itália, Finlândia, Inglaterra), americanos (Estados Unidos, Brasil, Argentina), da África (Ilhas Maurício) e da Oceania (Austrália). Publicados nos últimos 11 anos (2010 – 2021), sendo um em 2010, três em 2012, três em 2013, dois em 2015, três em 2016, um em 2017, quatro em 2018, dois em 2019, um em 2020 e dois em 2021.

Nesses 22 artigos, identificaram-se 3 categorias de estudos: (1) pesquisas que relatam a história biográfica de alguma mulher envolvida na confecção de roupas; (2) revisões históricas sobre o tema, tanto em fontes bibliográficas quanto documentais; (3) estudos de caso ou de campo com mulheres que se envolvem de alguma forma com a indústria têxtil e de confecção. Por serem textos com diferentes abordagens, foram analisados de maneira qualitativa, em que se consideram, para a discussão, os principais temas e resultados.

3.1 Os estudos biográficos

Nos estudos biográficos identificaram-se interpretações de histórias ou recortes de vida mediante a documentos escritos ou feitos pelas mulheres pesquisadas, além de análises de roupas e documentos judiciais. Nessas publicações percebe-se que as pesquisas se concentram na forma de luta (SIMILI; MORGADO, 2015; GILL, 2019) e de liderança dessas mulheres (GRIMSHAW, 2013; TAMBOUKU, 2016; 2018;) e como isso impactou nos movimentos feministas, trabalhistas e de protesto das épocas em que estiveram presentes.

De maneira resumida, Grimshaw (2013) considera a trajetória e a liderança de Zelda D’Aprano, costureira e trabalhadora na indústria têxtil e de confecção, no movimento trabalhista australiano entre as décadas de 1940 e 1970. Simili e Morgado (2015) abordam a trajetória da estilista Zuzu Angel, a qual foi a primeira mulher a destacar-se na moda brasileira na década de 1960 e 1970, momento em que as principais referências da moda, nacional e internacional, eram homens. Tamboukou (2016; 2018) analisa o livro que reúne os escritos e memórias de Jeanne Bouvier, uma costureira francesa que viveu entre os séculos XIX e XX, e trabalhou desde seus 11 anos; além disso, a autora examina cartas e escritos políticos de Désirée Véret-Gay, também uma costureira francesa líder no primeiro movimento feminista autônomo do século XIX. Gill (2019) realiza uma pesquisa em documentos do Arquivo da Justiça do Trabalho de Pelotas/RS e analisa parte da trajetória laboral de Olga Tochtenhagen, mulher que trabalhou em uma alfaiataria na década de 1940 e denunciou a forma como foi despedida pelo alfaiate empregador.

3.2 As revisões históricas

As revisões históricas delimitam-se nos séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Esses artigos abordam questões da alfaiataria e da costura considerando essencialmente os trabalhos daqueles

envolvidos nos comércios de roupas dessas épocas. Kaipainen (2012) foca no desenvolvimento e desafios das práticas de alfaiataria e aspectos de gênero do ofício na Finlândia. Taylor (2012) analisa arquivos fotográficos em que se contempla imagens da máquina de costura ao lado de alfaiates e costureiras indígenas na Indonésia-Holandesa. Weaver (2012) realiza um ensaio sobre as costureiras domésticas e escravas na América do século XVIII e aborda como o trabalho da costura auxiliou na libertação dessas mulheres. Frasquete e Simili (2017) examinam o ensino das mulheres nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil, o qual era baseado na concepção de que deveriam ser preparadas para o lar para desempenhar tarefas tidas como femininas. Bueno (2018) objetiva destacar aspectos da alta costura, particularmente trata das performances das estilistas Jeanne Paquin, Jeanne Lanvin, Gabrielle Chanel e Madeleine Vionnet em Paris, na primeira metade do século XX.

Mitidieri (2018) investiga as diferentes possibilidades de trabalho para mulheres no ofício da costura na cidade de Buenos Aires/ARG no século XIX. Explora também as relações entre gênero, raça, classe e idade com as oportunidades de conseguir uma profissão na área. Monteleone (2019) revisa os trabalhos femininos do século XIX, particularmente aqueles em que mulheres de classes baixas eram contratadas para cuidar das roupas das mulheres da elite, como as costureiras e as lavadeiras. Bendall (2021) estuda a ascensão e desaparecimento dos fabricantes de *farthingale*² e corpete em companhias de Londres no século XVII. E Birt (2021) investiga as complexas interações das mulheres com o comércio de alfaiataria nos séculos XVII e XVIII, também na Inglaterra.

3.3 Os estudos de caso e de campo

Os estudos de caso e de campo são diversificados. Ao considerar como estudo de caso duas peças de teatro inglesas dos séculos XVI e XVII, Higginbotham (2010) analisa que as representações de costureiras nas histórias não são somente meios para explorar a indisciplina das mulheres, mas também revelar suas habilidades de tornarem-se economicamente produtivas e lucrativas e, consequentemente, controlar os homens. Augusto *et al.* (2013) objetivam investigar as condições de trabalho e saúde sob a perspectiva das trabalhadoras da indústria têxtil e de confecção no Brasil, cuja maioria são costureiras terceirizadas que trabalham em suas próprias casas e ganham por produção. Cecilio *et al.* (2013) analisam quantitativamente em um estudo exploratório descritivo aspectos sobre as condições de vida e saúde das trabalhadoras da indústria têxtil e de confecção no Brasil. Hodges *et al.* (2015) exploram as estratégias utilizadas por mulheres empreendedoras que gerem pequenos negócios na indústria do vestuário, como as costureiras.

Dimitrio (2016) objetiva visibilizar as trabalhadoras mulheres dos ateliês da alta-costura italianos do século XX mediante a análise das condições de trabalho e vida dos funcionários de dois ateliês de Milão/Itália – Jole Veneziani e Mila Schön –, ativos entre 1950 e 1970. Kasseeah *et al.* (2016) investigam as características de ex-trabalhadoras da indústria do vestuário das Ilhas Maurício e os motivos pelas quais se transformaram em empreendedoras autônomas de pequenos negócios, em setores formais e informais. Gurova e Morozova (2018) apresentam no estudo as abordagens de moda sustentável aplicadas nas práticas de confecção de roupas das designers e costureiras em Kallio, um distrito em Helsinki/Finlândia. Bezerra *et al.* (2020) analisam duas realidades marcadas pela precariedade do trabalho e pela intensa participação das mulheres em duas regiões do Nordeste brasileiro.

² Estrutura utilizada por baixo da roupa feminina com o objetivo de aumentar o volume da saia.

4 Discussão

Em grande parte, os estudos são qualitativos e apresentam pesquisas bibliográficas, essenciais nos estudos científicos. Apenas duas pesquisas apresentam-se com etapas quantitativas (KAIPAINEN, 2012; CECILIO *et al.*, 2013). Algo em comum nas pesquisas analisadas, é a preocupação em registrar a vida das mulheres, sejam em aspectos quantitativos (aplicação de questionários) ou qualitativos (entrevistas e análises documentais). Em alguns estudos, utilizou-se aspectos comuns para arquivar dados da história das mulheres, como: pesquisa em revistas e jornais antigos, cartas, roupas, fotografias e escritos autobiográficos, além de documentos policiais e judiciaários.

Nos estudos que analisam as histórias ou recortes de vida de personalidades dos séculos passados, constata-se como as costureiras envolvidas na indústria de confecção do vestuário foram líderes ou tiveram papéis essenciais nas lutas feministas, nos movimentos trabalhistas e no ativismo político, como Jeanne e Désirée na França (TAMBOUKOU, 2016; 2018), Zelda na Austrália (GRIMSHAW, 2013) e Zuzu Angel e Olga no Brasil (SIMILI; MORGADO, 2015; GILL, 2019). Apesar dos obstáculos do sistema capitalista e da sociedade patriarcal, essas mulheres conseguiram liderar sindicatos e movimentos sociais, em épocas que esses espaços eram majoritariamente ocupados por homens, a fim de promover as necessidades de equidade e justiça social para as mulheres. Percebe-se a aproximação de algumas dessas costureiras ao ativismo político e ao ato de registrar suas memórias (TAMBOUKOU, 2016; 2018; GRIMSHAW, 2013). E reconhece-se a participação em lutas políticas e trabalhistas, as quais seus registros em documentos judiciaários e em roupas, no caso de Zuzu Angel, são provas fundamentais do período em que viveram.

Nas revisões históricas constataram-se contribuições para a história da moda que ampliam o escopo e introduzem novos caminhos de investigação em arquivos e documentos pouco analisados. Nos séculos XVII e XVIII, Bendall (2021) e Birt (2021) contribuíram para os registros de história da moda ao analisar materiais impressos britânicos que apontam dados significativos sobre o comércio têxtil e de confecção da Inglaterra. Mediante aos documentos interpretados, as autoras identificam a participação feminina nessas relações comerciais e apresentam novos escopos históricos a serem considerados. Kaipainen (2012) e Taylor (2012) trazem importantes aspectos para analisar as práticas da costura e da alfaiataria na Finlândia e na Indonésia, respectivamente. Taylor (2012) aponta a trajetória de disseminação da máquina de costura, a qual se estende dos ambientes domésticos americanos e europeus para lugares como as Índias Orientais Holandesas. Conforme o autor, a máquina de costura criada por Isaac Singer foi amplamente popularizada pelo mundo, pois era prática e poderia ser operada manualmente, já que não precisaria de eletricidade para funcionar. Essa propagação disseminou também técnicas de costura e de alfaiataria, as quais na Indonésia, por exemplo, eram ensinadas aos indígenas pelos europeus.

Além disso, as revisões históricas abordam as relações das mulheres com as práticas da costura, as quais inicialmente constituíam parte das tarefas domésticas, mas posteriormente deslocaram-se para o comércio e aos espaços tidos como masculinos. Nos séculos XVIII e XIX, os trabalhos da costura eram conduzidos por empregadas e escravas domésticas (WAEVER, 2012; MONTELEONE, 2019). A preocupação com as roupas é evidente nessas épocas e, por isso, mulheres de classes mais baixas eram contratadas por mulheres de elite para serem costureiras e lavadeiras. Weaver (2012) aponta que o trabalho da costura para mulheres escravizadas tornou-se importante para a conquista da liberdade, já que as habilidades com as roupas eram bem-vistas e permitiam maior autonomia. Por ser dever doméstico, era comum

os ensinos do corte e da costura às meninas jovens, a fim de prepará-las para os cuidados do lar, como apontam Frasquete e Simili (2017) e Monteleone (2019). Em contraposição, além de ser essencial para o desenvolvimento da feminilidade, as autoras também comentam que a prática da costura foi fundamental para a inserção da mulher no mercado de trabalho. O consumo e a produção de roupas andaram juntas nas transformações do século XIX e XX e influenciaram significativamente a idealização do trabalho feminino.

No século XIX existiam diferentes possibilidades de trabalho para as mulheres no ofício da costura. Essas oportunidades concentravam-se no trabalho doméstico, em que mulheres eram subcontratadas por costureiras de elite e alfaiates para realização de serviços terceirizados, àqueles realizados nos espaços dos ateliês (MITIDIERI, 2018). Já no século XX, época em que as principais referências da moda eram homens, que visavam o luxo e a elegância, emergiram algumas mulheres que obtiveram destaque nas transformações da moda, como Jeanne Paquin, Jeanne Lanvin, Gabrielle Chanel e Madeleine Vionnet (BUENO, 2018). Nesses primeiros e turbulentos anos do século, evidenciou-se a demanda para mudanças na indumentária feminina, as quais essas estilistas foram importantes para promovê-las. Com o pensamento centrado nas usuárias, essas profissionais conseguiram propor um novo estilo de vida ao inserir no guarda-roupa feminino vestuários modernos, confortáveis e versáteis. Introduziram mudanças significativas na cultura das aparências e tiveram o olhar vanguardista sobre a modernização da época e as necessidades das mulheres.

Nos estudos de caso e de campo publicam-se análises realizadas juntas às comunidades, trabalhadoras e empreendedoras envolvidas de alguma forma com a confecção de roupas. Contribuem para o reconhecimento dessas pessoas e do apelo à necessidade de desenvolver discussões em torno das mulheres da indústria da moda. No século XX, a cidade de Milão na Itália era lugar fundamental para a alta-costura e onde encontravam-se ateliês que empregavam grandes quantidades de costureiras, costureiros, alfaiates e aprendizes para trabalhar na confecção. Dimitrio (2016) analisa dois ateliês em particular e aborda as condições de vida e de trabalho dos funcionários, destacando a hierarquia de profissionais, em que no menor nível se encontravam meninas de 12 e 13 anos de idade com tarefas menos importantes e, no maior nível, situava-se a *première*, uma costureira que coordenava o trabalho de todos os outros funcionários. A autora comenta que mesmo sendo um ateliê de ocupações femininas, evidenciava-se a presença masculina, geralmente por um funcionário homem denominado *getter*, responsável pelo corte dos tecidos, tarefa importante para a confecção da peça e sem tempo para erros.

No contemporâneo, Augusto *et al.* (2013) e Cecilio *et al.* (2013) realizam entrevistas e questionários para coletar dados sobre as condições de vida, saúde e trabalho de mulheres trabalhadoras da indústria têxtil e de confecção, sendo a maioria costureiras. Os resultados apontam a necessidade de entender o impacto das condições de trabalho na saúde das funcionárias da indústria do vestuário. Nesse setor, como a maioria são mulheres, é importante considerar as desigualdades de gênero nas formas de acesso ao trabalho e suas condições, nas quais as mulheres são frequentemente expostas a situações de precariedade.

Hodges *et al.* (2015), Kasseeah *et al.* (2016) e Gurova e Morozova (2018) analisam aspectos do empreendedorismo feminino na moda em diferentes países. Nesses três estudos consideraram-se respectivamente: (1) como são os desafios financeiros, sociais e familiares enfrentados por mulheres empreendedoras na Rússia, África do Sul e Tailândia; (2) o empreendedorismo, formal e informal, como oportunidade para costureiras desempregadas nas Ilhas Maurício; (3) e como as costureiras e as designers de moda em Helsinki/Finlândia

lidam com as práticas de moda sustentáveis e seus obstáculos. Bezerra *et al.* (2020) problematizam as experiências das mulheres em situações de trabalhos domiciliares e terceirizados no Nordeste brasileiro e os impactos nas suas relações com a família e nas desigualdades de gênero. Observou-se que velhas e antigas formas de trabalho (informalidade, terceirização, subcontratação e trabalho domiciliar), no contexto brasileiro atual, são reconfiguradas e passam a ser analisadas como estratégias flexíveis, necessárias para modelos de empreendedorismo locais, baseado nas necessidades de sobrevivência e marcado pela precariedade das condições de trabalho. Os resultados dessas pesquisas apontam que os desafios enfrentados pelas mulheres que trabalham na indústria têxtil e de confecção podem estar mais ligados às desigualdades de gênero do que a localização geográfica. E que os conceitos de sustentabilidade são importantes e compartilhados entre mulheres empreendedoras, costureiras e designers de moda.

Diferentemente dessas abordagens, Higginbotham (2010) apresenta uma análise de peças teatrais dos séculos XVI e XVII. O interessante de notar em seu estudo, é que metaoricamente, nas representações dessas mulheres nas histórias fictícias fica implícito a conexão entre o trabalho feminino com a sexualidade, dois aspectos que são fontes perigosas à ordem social, segundo a concepção dos homens da época. Nesses séculos, as costureiras tinham papéis importantes no comércio de roupas na Inglaterra, já que realizavam serviços de corte e costura para profissionais como alfaiates e chapeleiros. Por isso, as representações nas peças emergem como poderosas e inquietas, mulheres que defendem sua integridade.

4.1 A participação das mulheres na alfaiataria nos estudos nacionais e internacionais

A aplicação da RSL desenvolveu-se em torno da pergunta de pesquisa: Existem estudos, nacionais e internacionais, que consideram a participação das mulheres no ofício da alfaiataria? Se sim, como o assunto é abordado? Nos 22 artigos analisados, identificou-se que alguns abordam o trabalho das mulheres na costura, mas apenas comentam que esse trabalho poderia se estender às alfaiatarias, locais de trabalho essencialmente masculinos. Constataram-se dois artigos que tratam fundamentalmente da participação das mulheres no ofício da alfaiataria (GILL, 2019; BIRT, 2021).

Gill (2019) aborda a trajetória laboral de Olga Tochtenhagen para falar sobre os trabalhos e direitos femininos no século XX. Olga trabalhou em uma alfaiataria na década de 1940 e denunciou a forma como foi despedida pelo alfaiate, sem justa causa e sem aviso prévio, após ter faltado ao trabalho por estar doente e apresentar atestado médico. Desqualificada constantemente pelo empregador – o qual defende que Olga não era sua funcionária, apenas uma aprendiz – durante o processo, Olga lutou incansavelmente para conseguir ter acesso aos seus direitos em uma época em que as leis dificultavam que os trabalhadores – sobretudo as mulheres – tivessem suas reivindicações consideradas.

Além de destacar a riqueza em que a análise de materiais policiais e judiciaários possuem para a construção do acervo da história das mulheres, a autora comenta sobre as distinções entre os ofícios das costureiras e dos alfaiates. Ser alfaiate significava profissionalização e especialização, aspectos não necessários à costureira. As distinções abrangem as questões de gênero, em que as mulheres, mesmo capacitadas, permaneciam nas mesmas funções enquanto os homens tinham mais chances de ascender profissionalmente. Gill (2019) afirma ainda que o trabalho das mulheres estava bem presente no setor de pequenos serviços na cidade de Pelotas/RS, onde conduziu a pesquisa. Esses serviços incluíam alfaiatarias como a que Olga trabalhava. Ela exercia o ofício de costureira, considerado feminino e menos criativo,

pois incluíam tarefas que eram vistas inerentes ao cotidiano das mulheres, como a habilidade manual e o cuidado com as peças.

Birt (2021) estabelece uma nova perspectiva dos papéis das mulheres no comércio de alfaiataria na Inglaterra nos séculos XVII e XVIII. Apesar de não serem reconhecidas nos registros das companhias britânicas de comércio, as mulheres participaram efetivamente e interagiram com o comércio de alfaiataria na Inglaterra de inúmeras maneiras. A autora aponta:

O que emerge dos arquivos é a evidência de que mulheres solteiras, casadas e viúvas eram ativamente engajadas nos trabalhos regulamentados pelas guildas, particularmente relacionados à manufatura e à venda de vestuário (BIRT, 2021, p. 8).

Conforme a moda mudou, também mudaram as profissões responsáveis pelas confecções dos vestuários. Nos séculos XVII e XVIII, evidenciam-se essas alterações na estrutura do comércio de alfaiataria, em que as mulheres tiveram papéis fundamentais na construção da vestimenta. As ocupações femininas como “costureira”, “modista” e “produtores de *mantua*³” são três identidades parte da extensa rede que constitui o comércio de alfaiataria de Londres.

No consenso histórico, defende-se que apenas homens trabalhavam como alfaiates e que as mulheres não se envolveram com o ofício. Até o final do século XVII a confecção de roupas, inclusive femininas, estava preservada ao ofício de alfaiate. Entretanto, ao analisar os dados da Companhia de Alfaiates Comerciantes em Londres, Birt (2021) defende ser possível refazer essa narrativa. Esses registros oferecem oportunidades para salientar as vitais contribuições das mulheres às alfaiatarias e à manufatura de roupas na Inglaterra. Essa interação das mulheres com os comércios e as companhias nunca foi totalmente explorada, mesmo estando presentes nos registros. A autora aponta que as aprendizes mulheres tiveram “papéis fictícios”, pois a maioria dos ofícios que aprendiam não tinham guildas próprias, tornando difícil a quantificação do trabalho feminino nessas ocupações. Considera-se que a compreensão e a análise do trabalho feminino no período contribuem para uma nova perspectiva dos papéis das mulheres nos meios comerciais.

Além desses dois estudos focados na participação das mulheres no ofício e no comércio da alfaiataria, outras pesquisas comentam fatos interessantes. Bendall (2021) traz um complemento à pesquisa de Birt (2021), pois observa a importância da ascensão de novos profissionais, como os produtores de *farthingale* e corpete, no século XVII. Essas peças tornaram-se fundamentais para o guarda-roupa feminino da época e, consequentemente, para o comércio. Inicialmente eram produzidas por alfaiates, mas com a alta demanda exigiram-se novos ofícios responsáveis apenas por essas peças. Nas companhias inglesas analisadas por Bendall (2021), muitos jovens entraram como aprendizes de alfaiates para se tornarem produtores de *farthingale* e corpete. Nos registros, apenas duas mulheres aparecem como produtoras e como viúvas de homens que realizavam o trabalho. Embora não fossem registradas como profissionais de fato, é possível inferir que elas praticavam a profissão, já que foram casadas por muitos anos com homens das companhias. Somente uma aparece como aprendiz de alfaiate por sete anos.

O termo “viúva” é comum nos documentos e ressalta o fato das mulheres continuarem a trilhar as profissões dos maridos após seu falecimento. Inúmeras viúvas tinham aprendizes e contratavam funcionários, assim como qualquer outro membro do sexo masculino. Os

³ Vestido que seguia o formato de um robe e era utilizado por cima do espartilho e da saia.

alfaiates também traziam suas esposas, empregadas ou vizinhas para trabalhar nas oficinas. Como afirma Birt (2021), no século XVII, mulheres casadas e viúvas engajaram-se numa variedade enorme de trabalhos relacionados ao comércio de alfaiataria, das quais algumas eram nomeadas “costureiras” e até “alfaiates”, pois costumavam contribuir às oficinas. As “mestras alfaiates” participaram das companhias de comércio britânicas devido ao seu *status* matrimonial como viúvas ou esposas de membros. Isso mostra que as mulheres eram empregadas pelas oficinas e que alguns alfaiates trabalhavam em parceria com suas esposas. No século XVIII, reconheceu-se a confecção de *farthingale* e corpete como uma ocupação de pouco valor que empregava essencialmente mulheres, mesmo que um século antes essas ocupações eram majoritariamente preenchidas por homens. No final do século XVIII, o número de aprendizes mulheres excedeu o número de homens nos registros dessas companhias.

As análises de Bendall (2021) e de Birt (2021) sugerem que existia uma rede de relações e profissionais que compunham o comércio de roupas na Inglaterra mais extensa do que mostram os registros das companhias consideradas pelas autoras. A prevalência desses profissionais nesses documentos confere a hipótese de que não eram profissões obscuras, invisibilizadas e sem influência. A história desses comércios britânicos é um reflexo da diversidade da manufatura de tecidos e roupas que permaneceram durante os séculos XVII e XVIII e prova que as mulheres foram ativas de diversas maneiras.

Higginbotham (2010) comenta que o aumento desses comércios na Inglaterra tornou o trabalho das fiadoras e costureiras essencial para outros trabalhadores, como alfaiates e chapeleiros. Com isso, a alta demanda de aprendizes e outros funcionários, impulsionou a presença das mulheres no mercado. O autor aborda que era comum um comerciante de roupas e tecidos explorar o trabalho de esposas e serviscais que costuravam como parte do trabalho doméstico. Ao começar a empregar essas mulheres, os comerciantes transformaram o trabalho doméstico em assalariado, dando às mulheres acesso a independência financeira em relação aos seus maridos e mestres. Por um lado, os homens deveriam ainda ocupar os espaços públicos da rua, enquanto as mulheres ocupam os espaços privados do lar. Aprovaram-se também legislações que proibiam as mulheres de ocupar altas posições nos negócios que compunham esses comércios. Por outro lado, o trabalho de costureira, fundamental para complementação dos serviços dos alfaiates e dos chapeleiros, transforma-se em condição para o empoderamento feminino. Posteriormente no século XX, Bueno (2018) afirma que mulheres como Jeanne Paquin, Jeanne Lanvin, Gabrielle Chanel e Madeleine Vionnet são destaques por utilizar e inovar as técnicas de alfaiataria e de costura objetivando modificar significativamente o guarda-roupa feminino para algo mais versátil, prático e moderno.

Outros autores também comentam sobre as diferenças dos ofícios das costureiras e dos alfaiates, as quais estão ligadas às concepções de gênero. Mitidieri (2018) aponta as diferenças de gênero e a construção hierárquica dos trabalhos da costura, em que o ofício de modista implica nos mesmos saberes de um ofício de alfaiate, mas são profissões distinguidas pelo gênero em que as modistas eram menos prestigiadas do que os alfaiates. Os dois abrangem as habilidades e capacidades de tirar medidas, construir moldes, cortar os tecidos e dominar os diferentes pontos e costuras para a construção de peças do vestuário. As e os aprendizes desses ofícios começavam muito jovens, objetivando a oportunidade de conseguir uma profissão duradoura. Gradualmente ensinava-os até chegar em um momento em que esses jovens estivessem preparados para as tarefas importantes e avançadas, como cortar os tecidos e costurar as roupas. Conforme a autora, existem distinções entre as habilidades da costureira

e da modista, mas por serem ambas profissões femininas de competências “naturais”, sua qualificação era considerada sempre a mesma. Dentre as mulheres trabalhadoras, há também diferenças normalmente vinculadas à classe e à raça, em que as de classes mais baixas trabalhavam em casa como serviço terceirizado para as modistas e os alfaiates e ganhavam por produção.

Taylor (2012), no estudo sobre a Indonésia, confere que as oficinas dos alfaiates eram abertas para a rua para todo mundo ver, enquanto as costureiras permaneciam em ateliês dentro de casa. Para as mulheres significava ser bem-vista estar fora das ruas e de profissões que as expunham aos olhares públicos. No estudo sobre a Finlândia, Kaipainen (2012) discorre que as mulheres constituíam 5% da clientela das alfaiatarias e encomendavam sobretudos, casacos de pele, *tailleurs*, saias e roupas para crianças. Os homens eram os donos das alfaiatarias e realizavam a maior parte do trabalho verificando a condição de que o ofício era masculino. As mulheres que trabalhavam nesses locais produziam calças e coletes, peças de fácil execução. Seus salários eram baixos e não eram permitidas em escolas para alfaiates até a década de 1940, época de guerra em que se demandou maior número de profissionais para produção de uniformes militares e outras roupas.

Assim como na Argentina, as modistas e os alfaiates na Finlândia compartilhavam da mesma essência e confeccionavam roupas de acordo com o desejo dos clientes, mas existia uma divisão manifestada pelas diferenças de gênero, de quem produziria o quê, como e para quem. Os alfaiates - homens - utilizavam métodos tradicionais de corte e costura para produzir peças de lã de alta qualidade aos clientes homens. As modistas - mulheres - concentravam-se no aspecto estético do vestuário destinado às mulheres. Costuravam roupas - na maioria vestidos - de diferentes materiais, com exceção para as calças femininas que, quando popularizadas, eram confeccionadas pelos alfaiates.

Um aspecto em comum entre os alfaiates e as modistas é que ambos confeccionavam conforme a moda da época, mas não criavam moda, costumavam se inspirar em fotografias e artigos de revistas. Os alfaiates costuravam as peças exatamente como estavam nas revistas e os ternos masculinos eram feitos e estruturados mediante os diversos processos e técnicas resultando em uma veste elegante. Devido ao tradicionalismo da confecção do terno sob medida, o processo era lento e os preços altos. Reservava-se a individualidade e a originalidade às roupas das mulheres, as quais participavam do processo projetual da vestimenta junto às modistas. Costumava-se decorar os vestidos confeccionados por processos e técnicas de produção mais simples que aqueles utilizados na alfaiataria. O trabalho das modistas era rápido, básico, descomplicado e, portanto, mais barato. Aos homens a alfaiataria era um ofício respeitável, enquanto às mulheres, a costura era um modo de ganhar a vida. Com o passar dos anos, a alfaiataria sob medida foi gradualmente substituída pela produção em massa de ternos, os quais foram introduzidos nas fábricas de cadeia produtiva constituída em grande parte por mulheres (KAIPAINEN, 2012).

Interessante destacar que para Tamboukou (2016), um dos pontos evidenciados nas memórias do trabalho de uma costureira do século XX e compartilhado por outras profissionais, é a memória de um corpo cansado pelas poucas horas de sono. De acordo com a autora, a insônia e a exaustão são características que compõem a figura da costureira em diversas representações. Isso se deve ao fato de que muitas costureiras trabalhavam até tarde nos ateliês, os quais ficavam abertos à noite para “mostrar serviço”. Outro ponto é que essas mulheres trabalhavam em casa, para além dos trabalhos nas fábricas e ateliês, objetivando complementar a renda devido à baixa remuneração. A insônia é uma experiência e memória

laboral marcada pelo gênero, pois os homens alfaiates, mesmo tendo historicamente também realizado tarefas em ateliês domiciliares, sempre resistiram a trabalhar em casa e lutaram para que as atividades fossem realizadas apenas nas oficinas, enquanto as mulheres consideravam levar o serviço ao lar como uma oportunidade.

A relação entre trabalho e casa é presente na memória do trabalho das mulheres e é particularmente essencial no estudo do trabalho das costureiras. Trabalhar em casa significa poder trabalhar e cuidar da família ao mesmo tempo, ter uma remuneração um pouco maior e proteger sua identidade como costureiras qualificadas. Há, portanto, uma diferença de gênero em como historicamente o trabalho em casa constituiu-se como algo desejado pelas mulheres, pois criou condições e possibilidades para maiores remunerações.

5 Considerações finais

O artigo descreve a RSL desenvolvida para a pesquisa de mestrado que pretende discutir e registrar a participação feminina na alfaiataria contemporânea. Para o estudo, sentiu-se a necessidade de realizar a revisão da literatura, essencial a todo trabalho científico, neste caso de maneira sistemática. O método desenvolveu-se mediante uma estratégia de busca aplicada em três bases de dados: *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo*. Ao todo, analisaram-se 22 artigos e percebeu-se que os estudos trazem diferentes percepções das relações entre as mulheres e a costura. Evidenciaram-se três categorias de estudos, aqueles que tratam de análises biográficas, de revisões de história e de estudos de caso ou de campo realizados com comunidades e trabalhadoras da confecção do vestuário.

Os trabalhos da costura são constantemente atrelados aos afazeres domésticos, tanto como atividade de lazer para as mulheres, quanto como trabalho conciliado aos trabalhos do lar (cuidar dos filhos, da casa e do marido). Nos estudos históricos, percebeu-se que as mulheres sempre estiveram presentes nos comércios e nos ofícios relacionados à alfaiataria, mas não foram contabilizadas justamente pela relação da costura com o universo feminino, o desenvolvimento da feminilidade e o aprendizado dos afazeres domésticos. A disseminação da máquina de costura doméstica em diversos países e, consequentemente, das práticas de costura e de alfaiataria, intensificou a possibilidade de que as mulheres trabalhassem nessas áreas em casa, como alternativa ao desemprego e como forma de conseguir conciliar as atividades profissionais e domésticas. Comenta-se que os homens geralmente não auxiliam nos afazeres domésticos, sobrecarregando as mulheres.

Outro ponto de vista observado é que para as mulheres os conhecimentos e o trabalho com o corte e costura auxiliaram na efetivação das ocupações femininas no comércio. Notou-se que a costura tem um aspecto empoderador ao sexo feminino, pois foi um meio que as mulheres encontraram para qualificarem-se e conseguirem trabalhar ou acrescentar a renda e alcançar a independência financeira. A costura também permite às mulheres controle sobre seu corpo, aparência e modo de consumir. Para além dessas atribuições, percebeu-se nos estudos biográficos como as costureiras eram estudiosas escritoras que participaram de lutas políticas, trabalhistas e feministas como ativistas e líderes. Essas análises de biografias comprovam como a consideração de um caso dimensiona e conduz interpretações interessantes sobre aspectos da sociedade, como política, gênero, trabalho, história, cultura etc.

Ressalta-se como hierarquiza-se os trabalhos em ateliês e alfaiatarias. É possível perceber a estrutura da pirâmide para referir-se às ocupações, em que na base encontravam-se sempre as crianças aprendizes e no topo a costureira, a modista ou o alfaiate responsável pela coordenação da oficina. Salienta-se que nessa estrutura as mulheres costureiras que

realizavam serviços terceirizados aos ateliês e alfaiatarias não são consideradas. Dentro dessas concepções, destaca-se as diferenças dos alfaiates e das modistas e costureiras, profissões distinguidas pelo gênero. Os alfaiates costumavam receber maior prestígio e eram responsabilizados pelo vestuário masculino, enquanto considerava-se as profissões femininas de fácil execução e menos criativas. Mesmo que atualmente essas profissões não sejam recorrentes como eram antigamente, observa-se os reflexos dessas idealizações históricas baseadas em gênero, classe e raça, naqueles que praticam serviços de confecção do vestuário na atualidade.

Concluiu-se que grande parte dos estudos é histórico ou possui revisão histórica, permitindo novos caminhos para o registro das trajetórias das mulheres nos ofícios da alfaiataria e da costura. As outras pesquisas que trabalham com estudos de caso e de campo, são de no mínimo dois a três anos atrás, o que chama atenção para a importância de continuar nesse ramo de pesquisa, em que ver e ouvir as mulheres envolvidas com essas atividades, traz visibilização e novos olhares para os estudos e designers da área da moda. Também, observou-se a importância do processo da RSL para determinar caminhos de pesquisa mais concretos, originais e que tenham como pretensão complementar os estudos existentes. Encontraram-se provas importantes sobre pesquisas que relatam a participação das mulheres no ofício da alfaiataria, entretanto, percebeu-se que o assunto foi estudado essencialmente nos contextos históricos, contribuindo para novos caminhos de pesquisa e constatando que é algo a ser explorado em contextos atuais.

6 Referências

- AUGUSTO, Viviane Gontijo; SAMPAIO, Rosana Ferreira; FERREIRA, Lorena Magda; KIRKWOOD, Renata Noce. Capacidade para o trabalho e saúde: o que pensam as trabalhadoras da indústria de vestuário. **Fisioterapia e Pesquisa**, [S. I.], v. 20, n. 3, p. 256–261, 2013. DOI: 10.1590/s1809-29502013000300010.
- BENDALL, Sarah A. Women's Dress and the Demise of the Tailoring Monopoly: Farthingale-Makers, Body-Makers and the Changing Textile Marketplace of Seventeenth-Century London. **Textile History**, [S. I.], 2021. DOI: 10.1080/00404969.2021.1913470.
- BEZERRA, Elaine; CORTELETTI, Roseli; MARIA DE ARAÚJO, Iara. RELAÇÕES DE TRABALHO E DESIGUALDADES DE GÊNERO NA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES DO NORDESTE. **Caderno CRH**, [S. I.], v. 33, 2020. DOI: 10.9771/ccrh.v33i0.38029.
- BIRT, Sarah. Women, Guilds and the Tailoring Trades: The Occupational Training of Merchant Taylors' Company Apprentices in Early Modern London. **London Journal**, [S. I.], v. 46, n. 2, 2021. DOI: 10.1080/03058034.2020.1810881.
- BUENO, Maria Lucia. Moda, gênero e ascensão social. As a profissionais de costura: de artesãs mulheres da alta- prestígio. **dObra[s]**, [S. I.], v. 11, n. 24, p. 102–130, 2018.
- CECILIO, Hellen Pollyanna Mantelo; COSTA, Maria Antonia Ramos; SILVA, Regina Lúcia Dalla Torre; MARCON, Sonia Silva. Health conditions of women working in the clothing industry. **Rev Rene**, [S. I.], v. 14, n. 2, 2013. DOI: 10.15253/revrene.v14i2.911.
- DIMITRIO, Laura. The Hidden Spaces of High Fashion in Milan from the 1950s to the 1970s: Dressmakers in the Ateliers of Jole Veneziani and Mila Schön. **Luxury**, [S. I.], v. 3, n. 1–2, 2016. DOI: 10.1080/20511817.2016.1232466.
- FRASQUETE, Débora Russi; SIMILI, Ivana Guilherme. A moda e as mulheres: As práticas de

costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. **História da Educação**, [S. I.], v. 21, n. 53, p. 267–283, 2017. DOI: 10.1590/2236-3459/60209.

FRIEDMAN, Ken. Theory construction in design research Criteria: Approaches, and methods. **Design Studies**, [S. I.], v. 24, n. 6, p. 507–522, 2003. DOI: 10.1016/S0142-694X(03)00039-5.

GALVÃO, T.F.; PAREIRA, M.G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, 2014.

GILL, Lorena Almeida. A luta de Olga por seus direitos: imigração, saúde e trabalho de mulheres em Pelotas, RS (década de 1940). **História (São Paulo)**, [S. I.], v. 38, p. 1–20, 2019. DOI: 10.1590/1980-4369e2019003.

GRIMSHAW, Patricia. Zelda d'aprano, leadership and the politics of gender in the Australian labour movement, 1945-75. **Labour History**, [S. I.], v. 104, n. 1, 2013. DOI: 10.5263/labourhistory.104.0101.

GUROVA, Olga; MOROZOVA, Daria. A critical approach to sustainable fashion: Practices of clothing designers in the Kallio neighborhood of Helsinki. **Journal of Consumer Culture**, [S. I.], v. 18, n. 3, 2018. DOI: 10.1177/1469540516668227.

HIGGINBOTHAM, Derrick. Producing Women: Textile Manufacture and Economic Power on Late Medieval and Early Modern Stages. **Comitatus: A Journal of Medieval and Renaissance Studies**, [S. I.], v. 41, n. 1, 2010. DOI: 10.1353/cjm.2010.0040.

HODGES, Nancy; WATCHRAVESRINGKAN, Kittichai; YURCHISIN, Jennifer; KARPOVA, Elena; MARCKETTI, Sara; HEGLAND, Jane; YAN, Ruoh Nan; CHILDS, Michelle. Women and apparel entrepreneurship: An exploration of small business challenges and strategies in three countries. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, [S. I.], v. 7, n. 2, 2015. DOI: 10.1108/IJGE-07-2014-0021.

KAIPAINEN, Minna. “He who wears a bespoke suit, does look like a gentleman”: Tailoring in Finland from the 1920s to the 1960s. **Textile: The Journal of Cloth and Culture**, [S. I.], v. 10, n. 3, 2012. DOI: 10.2752/175183512X13505526963985.

KASSEAH, Harshana; TANDRAYEN-RAGOOMBUR, Verena. Ex-garment female workers: a new entrepreneurial community in Mauritius. **Journal of Enterprising Communities**, [S. I.], v. 10, n. 1, 2016. DOI: 10.1108/JEC-08-2015-0042.

MITIDIERI, Gabriela. Between Parisian dressmakers and local Seamstresses. The spaces of labor and consumption and the everyday life of needleworkers, Buenos Aires, 1852-1862. **Trashumante**, [S. I.], n. 12, 2018. DOI: 10.17533/udea.trahs.n12a02.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Revista Estudos Feministas**, [S. I.], v. 27, n. 1, 2019.

NUNES, Valdirene Aparecida Vieira. **Mulheres na alfaiataria - da invisibilidade às alfaiatas no design de moda contemporâneo**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. Bauru/SP, 2021.

RETHLEFSEN, Melissa L.; KIRTLEY, Shona; WAFFENSCHMIDT, Siw; AYALA, Ana Patricia; MOHER, David; PAGE, Matthew J.; KOFFEL, Jonathan B. PRISMA-S: an extension to the PRISMA Statement for Reporting Literature Searches in Systematic Reviews. **Systematic reviews**, [S. I.], v. 10, n. 39, p. 1–19, 2021. DOI: 10.1186/s13643-020-01542-z.

SIMILI, Ivana Guilherme; MORGADO, Débora Pinguello. Fabric, thread and needles: A narrative for Zuzu Angel. **Tempo e Argumento**, [S. I.], v. 7, n. 15, 2015. DOI: 10.5965/2175180307152015177.

TAMBOUKOU, Maria. The Work of Memory: Embodiment, materiality and home in Jeanne Bouvier's autobiographical writings. **Women's History Review**, [S. I.], v. 25, n. 2, 2016. DOI: 10.1080/09612025.2015.1039349.

TAMBOUKOU, Maria. Rethinking the subject in feminist research: Narrative personae and stories of 'the real'. **Textual Practice**, [S. I.], v. 32, n. 6, 2018. DOI: 10.1080/0950236X.2018.1486541.

TAYLOR, Jean Gelman. The sewing-machine in colonial-era photographs: A record from Dutch Indonesia. **Modern Asian Studies**, [S. I.], v. 46, n. 1, 2012. DOI: 10.1017/S0026749X11000576.

WEAVER, Karol K. Fashioning freedom: Slave seamstresses in the Atlantic world. **Journal of Women's History**, [S. I.], v. 24, n. 1, 2012. DOI: 10.1353/jowh.2012.0009.